

O romance de santa Iria – permanência e difusão

Roberto Benjamin

Universidade Federal Rural de Pernambuco – Brasil

Ementa: A história de Santa Iria de Tomar é narrada em territórios europeus e em inúmeras versões - nas regiões da emigração de portugueses - através do romance ibérico, gênero eminentemente popular que tem sido estudado basicamente do ponto de vista das variações poéticas. Na presente comunicação, propomos considerar o romanceiro ibérico, relativo a Santa Iria de Tomar, do ponto de vista da comunicação popular, que é estudada no Brasil sob a denominação de 'folkcomunicação'.

Summary: *The story of Santa Iria of Tomar is narrated in European territories and in many versions - in the regions of emigration of Portuguesees - through the Iberian novel, eminently popular genre that has been studied primarily in terms of poetic variations. This communication, we propose to consider the Iberian novel, about Santa Iria of Tomar, from the standpoint of popular communication, which is studied in Brazil under the name of 'folk communication'.*

Nos estudos da comunicação, os meios acadêmicos tem dado prioridade aos interesses econômicos, número de receptores, efeitos sociais e culturais. Também isto corresponde ao fato de que a maioria das profissões de comunicação reconhecidas pelo Estado, no Brasil, são relacionadas com as técnicas e meios de comunicação de massa. Para elas são oferecidos cursos de formação em nível de segundo grau e universitário.

É preciso reconhecer, no entanto, a importância da comunicação interpessoal e grupal – inclusive pelos seus aspectos de mediação – tanto entre a população de cultura folk, como nos demais segmentos da sociedade.

Neste campo está o estudo dos “agentes, meios de informação, meios de expressão de ideias, opiniões e atitudes” referidos por Luiz Beltrão (Folkcomunicação - tese de doutoramento - Brasília: UnB, 1968), que trata do comunicador, da mensagem, do canal, do receptor, das intenções e dos efeitos – isto é, do processo de comunicação interpessoal e grupal ocorrente entre a população de cultura folk.

Nas últimas décadas, ensino, estudo e pesquisa em todo o processo da comunicação, ou apenas alguns dos seus elementos, foram procedidos na Universidade brasileira, na perspectiva da folkcomunicação, resultando na publicação de trabalhos de campo e reflexões teóricas.

Os continuadores da obra de Luiz Beltrão procuraram expandir-lhe a conceituação e a relação entre as manifestações da cultura popular e a comunicação de massa.

Hoje, a Folkcomunicação é concebida com maior abrangência, para incluir as relações entre a cultura folk e a cultura de massa, a exemplo, dentre outros, dos estudos sobre os poetas populares da oralidade pura e dos folhetos impressos, como também sobre outros agentes da folkcomunicação – mestres de folguedos e cantadores de romances ibéricos.

O romance ibérico é um gênero de literatura popular, em versos, segundo vários estudiosos originário das gestas medievais. Alguns romances conservam traços da história política, religiosa e social da Península Ibérica, como é o caso do romance de *Santa Iria*, que se reporta a fatos ocorridos no sétimo século, no tempo dos reis visigodos, na região então conhecida por Nabância.

Almeida Garret apresenta este romance popular na colação de várias versões coletadas no território continental de Portugal (GARRETT, 1916 : 107/8):

*Estando eu à janela coa minha almofada,
 2 minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,
 passa um cavaleiro, pedia pousada:
 4 meu pai lho negou: quanto me custava!
 - Já vem vindo a noite, é tão só a estrada...
 6 Senhor pai, não digam tal de nossa casa
 que um cavaleiro que pede pousada
 8 se fecha esta porta à noite cerrada.
 Roguei e pedi – muito lhe pesava
 10 mas eu tanto fiz, que por fim deixava.
 Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava;
 12 ao lar o levei, logo se assentava.
 As mãos lhe dei água, ele se lavava:
 14 pus-lhe uma toalha, nela se limpava.
 Poucas as palavras, que mal me falava,
 16 mas eu bem senti que ele me mirava.
 Fui o erguer os olhos, mal os levantava,
 18 os seus lindos olhos na terra os pregava.
 Fui-lhe pôr a ceia, muito bem ceava;
 20 a cama lhe fiz, nela se deitava.
 Dei-lhe as boas noites, não me replicava:
 22 tão má cortesia nunca vi usada!
 Lá por meia-noite, que me eu sufocava,
 24 sinto que me levam coa boca tapada...
 Levam-me a cavalo, levam-me abraçada,
 26 correndo, correndo sempre à desfilada.
 Sem abrir os olhos, vi quem me roubava;
 28 calei-me e chorei – ele não falava.
 Dali muito longe que me perguntava:
 30 eu na minha terra como me chamava.*

- Chamavam-me Iria, Iria a fidalga;
 32 por aqui agora Iria, a cansada.
 Andando, andando, toda a noite andava;
 34 lá por madrugada que me atentava...
 Horas esquecidas comigo lutava;
 36 nem forças nem rogos, tudo lhe mancava.
 Tirou do alfanje... ali me matava,
 38 abriu uma cova onde me enterrava.
 No fim de sete anos passa o cavaleiro,
 40 uma linda ermida viu naquele outeiro.
 - Que ermida é aquela, de tanto romeiro?
 42 - É de Santa Iria, que sofreu marteiro.
 - Minha Santa Iria, meu amor primeiro
 44 se me perdoares, serei teu romeiro.
 Perdoar não te hei de, ladrão carniceiro,
 46 que me degolaste que nem um cordeiro.

Do romance, ele observa: “Tão simples, tão natural é a narração poética do romance popular, quanto é complicada e cheia de maravilhas a que se autoriza nas recordações eclesiásticas”.

História de Santa Iria segundo os cronistas eclesiásticos

Santa Iria é lembrada, nos dias da atualidade de duas maneiras principais: através de uma lenda escrita com a visão eclesiástica e, em segundo lugar, através da oralidade, no romanceiro tradicional ibérico.

Enquanto a versão eclesiástica escrita é conhecida sobretudo pelo registro de Almeida Garrett, a versão da oralidade está na boca do povo em todos os territórios que receberam migração portuguesa.

Segundo a versão escrita, Iría, sobrinha do abade Célio, se recolhera a um convento, na antiga Sellium, de onde somente se mostrava em público, na companhia das demais freiras, durante as procissões, especialmente a de S. Pedro, ocorrente em 29 de junho de cada ano. Tida como mulher de grande beleza, despertou a paixão de Britaldo, filho do conde Castinaldo, que governava aquelas terras.

Mas era um amor não correspondido, visto que Iría se havia dedicado à vida religiosa. Britaldo adoeceu e pediu para se entrevistar com a jovem, a quem confessou o seu amor e rogou para ser correspondido. Ao ter negada a sua pretensão, a ameaçou de morte se a outro entregasse o seu amor.

A beleza da religiosa também empolgou ao monge Remígio, seu professor, que passou a tentá-la, sendo, igualmente rejeitado. Inconformado, o monge teria usado algumas ervas para preparar uma poção mágica, que resultou no crescimento do ventre da mulher e na sua difamação.

Britaldo, imaginando-a grávida de outro homem, determinou que o seu empregado Banão a matasse, não sem antes, pela última vez, lhe propor deixá-la viver, se promettesse o seu amor a Britaldo. Mais uma vez, Iria se entregou a Deus e, por isso foi morta, tendo o corpo lançado ao rio Nabão, cujas águas o transportaram para o rio Zêzere, seguindo por ele para o Tejo, parando em frente a uma localidade que viria a ser denominada como Santarém.

Em Sellium, pensava-se que o desaparecimento de Iria era motivado pela vergonha da «gravidez». Um sonho revelou a verdade ao seu tio, o abade Célio que, no dia seguinte, fazendo-se acompanhar de outros monges e pessoas da nobreza local, se dirigiu ao local onde o corpo estava. Ao chegarem lá, as águas do rio se abriram deixando a descoberto o corpo da santa.

Todavia, o cadáver não pode ser retirado do local, permanecendo em sepultura submersa. Almeida Garret conta que, seis séculos depois, o local foi visitado pela corte real portuguesa, à frente o rei Dom Diniz e a rainha Santa Isabel e que o rei *“mandou a toda a pressa levantar um padrão muito alto sobre o mesmo túmulo, e tão alto que o rio na maior enchente o não pudesse cobrir”* (GARRETT, 1916: 110).

O escritor prosseguiu com a abordagem do assunto, no mesmo capítulo da obra em comento, havendo estabelecido, também, como Santa Iria vem sendo noticiada através da poesia popular. Diz ele:

“A das cantigas é, como já disse, muito outra e muito mais simples; conta-se em duas palavras. A santa está em casa de seus pais: um cavaleiro desconhecido, a quem dão pousada uma noite, levanta-se por horas mortas, rouba a descuidada e inocente donzela, foge a todo o correr de seu cavalo, e chegando a um descampado dali muito longe, pretende fazer-lhe violência... A santa resiste, ele mata-a. Dali a anos passa por ai o indigno cavaleiro, vê uma linda ermida levantada no próprio sítio onde cometeu o crime, pergunta de que santa é, dizem-lhe que é de Santa Iria. Ele cai de joelhos a pedir perdão à santa, que lhe lança em rosto o seu pecado e o amaldiçoa. E acabou a história.” (1916 : 111)

Compartilho das opiniões de Almeida Garret: porque a Santa Iria da trova popular é tão diferente das lendas hagiográficas? Por sinal, já havia escrito sobre lendas hagiográficas:

“Lendas hagiográficas são as referentes à vida dos santos, relativas a seus martírios e milagres e que têm sido registradas por escrito e utilizadas em sermões e outras práticas da hierarquia da Igreja com vistas a sensibilizar o povo a ser incorporado à religião. Quase sempre há exageros em relação aos martírios, bem como aos milagres. A falta de criatividade de alguns destes autores tem levado a atribuição dos mesmos fatos e circunstâncias a santos diferentes, alguns dos quais sincretizados entre si, como é o caso do milagre dos pães transformados

em rosas das rainhas Isabel da Hungria e de Portugal” (BENJAMIN, 2004 : 99).

No mesmo sentido, Teófilo Braga destaca que a lenda monástica está em desacordo com a tradição popular (1982: vol. III, p. 38).

Permanência e difusão

As primeiras coletas no Brasil são a de Sílvio Romero (publicadas em 1882)¹ e a de Pereira da Costa (publicada em 1907)². Enquanto em Portugal, a coleta mais antiga publicada é a de José Leite de Vasconcelos, no **Romanceiro**, datada de 1889³.

Câmara Cascudo, anotando a terceira edição da obra de Romero, publicada em 1954, apresenta várias coletas que se seguiram, na Europa e na América:

| | | |
|-----------------------------|--|---|
| Teófilo Braga | <i>Santa Iria</i> , oito <i>Santa Helena</i> <i>Santa Irena</i> (Madeira) <i>Morte de Santa Iria</i> <i>Santa Irena</i> (galega) | Romanceiro geral português , II, 507, estudando o tema, III, 593 História da poesia popular portuguesa , <i>As origens</i> , 205, Lisboa: Manuel Gomes, 1902-1905, 2 vol. (Bibliotheca das tradições portuguesas, 1) Ciclos épicos , 156, Lisboa: Manuel Gomes, 1905 |
| Almeida Garrett | <i>Santa Iria</i> (cap. XXIX) <i>Tradição de Santa Iria</i> , cap. XXX | Viagens na minha terra , com prólogo de Júlio Dantas. Lisboa: Lelo & Irmão, 1916 cap. XXIX |
| Menendez y Pelayo | <i>Santa Ilenia</i> | Santander |
| Jaime Lopes Dias | | Etnografia da Beira , VI, 32, Famalicão, 1942 |
| Augusto Cesar Pires de Lima | | Estudos etnográficos, filológicos e históricos , III vol. Tradições populares de Santo Tirso. Porto : Junta da Província do Douro Litoral, 1948. 566p. p. 508 |
| Firmino Augusto Martins | | Folclore do Concelho de Vinhais , I. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, p. 213. Folclore do Concelho de Vinhais , II. Lisboa: Imprensa Oficial, 1939, |

¹ Romero, Sílvio. **Cantos populares do Brasil**, 1882; Romero, Sílvio. **Cantos populares do Brasil**. Introdução e notas de Teófilo Braga. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1885. 2ª ed. consideravelmente aumentada (sem o estudo e as notas comparativas), Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1897. 3ª ed. anotada por Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954. 2 v.

² Costa, Francisco Augusto Pereira da. Folclore pernambucano, in **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 70. 1907. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1908, 641 p. il. 3. ed. 4. ed. CEPE, 2007.

³ Vasconcelos, José Leite de **Romanceiro português**. 2 vols. Coimbra: Universidade, 1958 (separata da Revista portuguesa de Filologia, v. 11).

| | | |
|--|--|---|
| | | LII, 582p. p. 33, |
| J. A. Pires de Lima e F. de C. Pires de Lima | | Romanceiro minhoto , 67, 68, |
| Lima Carneiro | <i>Helena Fidalga</i> | Cancioneiro de Monte Córdova , Douro Litoral, V, 30, Porto, 1942, |
| José Leite de Vasconcelos | | Romanceiro português . 2 vols. Coimbra: Universidade, 1958 (separata da Revista portuguesa de filologia, v. 11). |
| Ataíde Oliveira | | Romanceiro e cancionero do Algarve : lição de Loulé / por Francisco Xavier d'Athaide Oliveira. Porto : Typ. Universal, 1905. |
| Luís Chaves | <i>O romance de Santa Iria</i> | Estudos de poesia popular , 57-92, Porto, 1942 |
| Ismael Moya | <i>Estaba Elenita</i> , | Romancero , II, 267, Buenos Aires, 1941 |
| Lucas A. Boiteux | <i>Santa Iria</i> | Poranduba catarinense , 11-13 |
| José Perez Vidal | Um dos estudos mais completos é o <i>Santa Irene (Contribución al estudio de um romance tradicional)</i> , | Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, tomo IV, 518, cuaderno 4º, Madrid, 1948. |
| Rossini Tavares de Lima | três versões, uma de Caxambu (Minas Gerais) e duas paulistas | Romanceiro folclórico do Brasil . São Paulo: Irmãos Vitale Editores, c1971. 112 p. |

4

Os pesquisadores Manuel da Costa Fontes, Samuel Armstead e Joseph Silverman trabalharam sobre o romanceiro português no Canadá e nos Estados Unidos. No livro **Romanceiro português no Canadá** (p. 261 a 266) Costa Fontes documenta 8 versões entre membros da comunidade portuguesa, migrantes procedentes de Portugal continental, das ilhas do arquipélago dos Açores e da ilha da Madeira. No **Romanceiro português nos Estados Unidos**. Vol. I – Nova Inglaterra (p.121) se encontra uma só versão do Santa Iria, coletada na comunidade de Peabody. No **Romanceiro português nos Estados Unidos**. Vol. II – Califórnia (p.121) se encontram 3 versões, coletadas nas comunidades de Manteca, Lodi e Tracy. O mesmo Manuel Costa Fontes coletou, em 1977, 4 versões em São Jorge, dos Açores, publicando-as no **Romanceiro da ilha de São Jorge** (p. 192 a 194).

⁴ Ele publicou na **Revista do Arquivo** n. 162 (SP, 1959) três versões de Santa Iria ou Santa Helena, (duas coletadas em São Paulo, 1949 e uma de Minas Gerais, 1950). Elas foram incluídas no **Romanceiro Folclórico**, que apresentou mais duas versões coletadas em São Paulo, uma da Bahia e outra no Mato Grosso (Corumbá), totalizando sete versões.

Vejam as duas versões brasileiras:

Santa Iria

(versão coletada por Pereira da Costa, publicada em Folclore pernambucano, na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 70. 1907, p. 391-392).

*Estava Santa Iria no seu estrado, assentada
 2 com o seu dedal de ouro e sua agulha de prata.
 Chega um cavalheiro e pede pousada
 4 e seu pae negando-a. Levanta-se Iria
 e diz a seu pae que se não a desse
 6 muito lhe pezára.
 - De três que nós éramos a mim me levou
 8 e todo o caminho me foi perguntando
 como me chamava: na casa paterna,
 10 Iria Fidalga, em terras alheias,
 Iria coitada. Puxando um alfange
 12 ahi me matou. Coberta de ramos
 assim me deixou. Sete anos depois
 14 por ahi passou, e vendo pastores,
 assim lhes falou: "Pastores, pastores,
 16 que estais pastorando, que ermida é esta,
 que está levantada? - É de Santa Iria
 18 que morreu degolada.
 "Minha Santa Iria, meu primeiro amor,
 20 perdoa-me a morte, serei teu romeiro.
 - Como te perdoarei, lobo carniceiro,
 22 que da minha garganta fizeste um cordeiro?
 Veste-te de azul, que é a cor do céu
 24 e se eu mal te quero, mal me queira Deus*

Santa Iria

(versão coletada em Cabedelo, Paraíba, Brasil, no ano de 1995, por Altimar Pimentel, Braulio do Nascimento e Roberto Benjamin, publicada em **Romanceiro de tia Beta**. João Pessoa: Governo da Paraíba, 2008, 97p. il. p. 60).

*Estava sentada lá no meu tesouro,
 2 com meu dedal de prata e minha agulha de ouro.
 Passou um estrangeiro, pedindo agasalho;
 4 se meu pai não dera, muito me pesara.
 Eu botei a ceia no melhor da casa;
 6 pratos de vidro, talheres de prata.
 Quando deu meia-noite selaram os cavalos;
 8 de três que nós era, só a mim levaram.
 Botou-me em sela, nem pra mim olhou;
 10 andamos sete léguas, comigo não falou.
 Virou-se pra trás e me perguntaram;
 12 na casa do meu pai, como me chamaram.
 Eu lhe respondi: me chamo Iria;
 14 na terra dos outros, naufragada e maltrapilha.
 Por estas palavras, me degolou,
 16 cobriu-me de flores, ali me deixou.
 Depois de alguns anos, ele voltou;
 18 no mesmo caminho a mim procurou.
 Andavam umas pastoras, pastorando o gado;*

- 20 - *Que amigo é aquele que ali está enterrado?*
 - *É santa Iria que morreu degolada.*
- 22 - *Iria, Iria, meu amor primeiro,*
se me perdoares, serei teu romeiro.
- 24 - *Eu não te perdôo, ladrão carniceiro,*
da minha garganta, fizeste um cordeiro.
- 26 - *Iria, Iria, meu amor primeiro,*
se me perdoares, serei teu romeiro.
- 28 - *Eu não te perdôo, pelo amor de Deus,*
o mal que te quero assim queira Deus.

Considerações finais

Para o romance de *Santa Iria* - tal como outras manifestações da oralidade - não é possível estabelecer com segurança a data em que se originou. É possível que tenha surgido sob o impacto da terrível tragédia que resultou no sequestro e morte de Iria, e no arrastamento do cadáver pelo rio Nabão, seguindo para o rio Zêzere e daí ao Tejo, onde acabou encontrando sepultura submersa.

O culto a Santa Iria teria nascido logo em seguida, no rito moçárabe. É possível que nessa ocasião se tenha desenvolvido o romance de matriz popular. Por essa época, a devoção levou à atribuição do nome de Santa Irene à cidade romana de Scalabis, em cuja ribeira foram localizados os restos mortais. Scalabis, depois Santa Irene, teria resultado na denominação Santarém.

Com a criação do reino de Portugal, o culto, que já era antigo, foi incrementado pela visita da família real à região onde os fatos se teriam desenrolado. A partir dessa visita, a rainha Santa Isabel (1271-1336) mandou edificar um marco no local onde o corpo esteve submerso e oficializou o culto, no rito romano, em Portugal.

A igreja gótica de Santa Iria, da ribeira de Santarém, foi reformada no estilo barroco em 1688, passando por reconstrução após o terremoto de 1755. Em Tomar, no local de nascimento de Santa Iria existe um nicho sobre o rio e uma capela barroca.

A presença da rainha e de outros membros da casa real inspirou a lenda hagiológica, qualificada por Almeida Garret e por Teófilo Braga em desacordo com a tradição popular, posto que recriada vários séculos após a ocorrência do fato.

O romance popular ganhou difusão no tempo e no espaço e a lenda hagiológica se tornou mais conhecida pela inserção que Almeida Garret promoveu no livro **Viagens na minha terra**.

As circunstâncias relatadas por Braulio do Nascimento (2004: 31) em relação ao romance de Juliana e d. Jorge:

“a estrutura é composta de elementos emocionais de tal intensidade, que tem conseguido resistir à erosão do tempo e do espaço. (...) perduram aqueles elementos, independentemente das modificações que os anos e a peregrinação por várias regiões vão introduzindo em sua estrutura, dando-lhe características de um corpo vivo em constante desenvolvimento”

se ajustam às características que tipificam as manifestações da Folkcomunicação da oralidade: em todos os romances, cada ocorrência da narrativa constitui uma *performance*. Também é assim com o romance de Santa Iria, que embora cada versão seja uma recorrência, nenhuma delas se repete na sua inteireza, ainda que mantenha identidade de natureza e de objetivo que permitem atribuir-lhe uma mesma denominação.

Bibliografia e referências

- BELTRÃO [de Andrade Lima], Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 266p. (Coleção Comunicação, 12).
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004, 153p. il.
- _____. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Editora Universitária, 2000. 150 p. il.
- BOITEUX, Lucas A. **Poranduba catarinense**. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1957. 196p.
- BRAGA, Teófilo. **Ciclos épicos**. Lisboa: Manuel Gomes, 1905.
- _____. **História da poesia popular portuguesa**, 2 vols., Lisboa: Manuel Gomes, 1902-1905 (Bibliotheca das tradições portuguesas, 1).
- _____. **Romanceiro geral português**, ed. fac-similada. Lisboa: Vega, c1982.
- CARNEIRO, Lima. **Cancioneiro de Monte Córdova**, Douro Litoral, V, 30, Porto, 1942,
- CHAVES, Luís. **Estudos de poesia popular**, Porto: Portucalense Editora, 1942. 139p.
- COSTA, Avelino de Jesus. **Santa Iria e Santarém, revisão de um problema hagiográfico e toponímico**. Coimbra: FLUC, 1972.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Folclore pernambucano, in **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 70. 1907. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1908, 641 p. il. 3. ed. 4. ed. CEPE, 2007.
- DIAS, Jaime Lopes. **Etnografia da Beira**, Famalicao: Tipografia Minerva, 1942.
- FERNANDES, A. de Almeida. Considerações acerca de Santa Iria. Identificação, lendas e toponímia. - Tarouca, Separata da **Revista camoniana**, ano VII, dez. 1985, n. 12.
- FONTES, Manuel da Costa. **Romanceiro da ilha de São Jorge**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1983. 384p. (Acta Universitatis Conimbricensis)
- _____. **Romanceiro português dos Estados Unidos**, 2. Califórnia. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1983. 247p. (Acta Universitatis Conimbricensis)
- _____. **Romanceiro português dos Estados Unidos**, 1. Nova Inglaterra. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1980. 283p. (Acta Universitatis Conimbricensis)
- _____. **Romanceiro português no Canadá**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1979. 521p. (Acta Universitatis Conimbricensis)
- GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**, com prólogo de Júlio Dantas. Lisboa: Lelo & Irmão, 1916.
- LIMA, Augusto Cesar Pires de. **Estudos etnográficos, filológicos e históricos**, III vol. Tradições populares de Santo Tirso. Porto : Junta da Província do Douro Litoral, 1948. 566p.

- LIMA, Joaquim Alberto Pires de. & LIMA Fernando de Castro Pires de. **Romanceiro minhoto**, Porto: Portucalense Editora, 1943. 142p.
- LIMA, Rossini Tavares de. **Romanceiro folclórico do Brasil**. São Paulo: Irmãos Vitale Editores, c1971. 112 p.
- MARTINS, Firmino Augusto. **Folclore do Concelho de Vinhais**, I. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, p. 213.
- _____. **Folclore do Concelho de Vinhais**, II. Lisboa: Imprensa Oficial, 1939, LII, 582p. p. 33,
- MOYA, Ismael. **Romancero**, 2 vols. Buenos Aires: Imprenta de la Universidad, 1941.
- NASCIMENTO, Braulio do. **Estudos sobre o romanceiro tradicional**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2004. 353p.
- OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide. **Romanceiro e cancionero do Algarve** : lição de Loulé / por Porto : Typ. Universal, 1905.
- OLIVEIRA, Miguel de. **Santa Iria e Santarém**. Lenda e História. Estudos hagiográficos. Lisboa, União Gráfica, 1964
- PIMENTEL, Altamar de Alencar & NASCIMENTO, Braulio do. & BENJAMIN, Roberto. **Romanceiro de tia Beta**. João Pessoa: Governo da Paraíba, 2008, 97p.il.
- ROMERO, Silvio. **Cantos populares do Brasil**. 3ª ed. anotada por Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954. 2 v.
- VASCONCELOS, José Leite de. **Romanceiro português**. 2 vols. Coimbra: Universidade, 1958 (separata da Revista portuguesa de filologia, v. 11).
- VIDAL, José Perez. **Revista de dialectologia y tradiciones populares**, tomo IV, 518, cuaderno 4º, Madrid, 1948.